

## MEMÓRIA E ESPAÇO CABO-VERDIANO: IMPACTOS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS MARGINALIZADOS

### MEMORY AND CAPE VERDEAN SPACE: IMPACTS ON THE IDENTITY FORMATION OF MARGINALIZED SUBJECTS

Recebido: 18/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2830

Igor Luid de Souza Oliveira<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2372-3549>

Rubenil da Silva Oliveira<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9846-4695>

**Resumo:** Esta pesquisa busca os conceitos de memória e identidade, com objetivo de compreender como o espaço descrito no romance, *Marginais*, do escritor Evel Rocha, contribui na construção da identidade dos sujeitos marginalizados que vivenciam o lugar contextualizado na obra. A memória é um fenômeno que se constitui em grupos, mas também, sempre é um trabalho do sujeito, e a identidade retrata, na construção da memória, todo o investimento que um grupo faz na medida que passa por inúmeras experiências. No romance *Marginais* é notória a abordagem desses conceitos, uma vez que reflete na vida dos personagens, tanto no plano individual como no coletivo. É importante destacar que o espaço no qual estão os personagens vivem e transitam, os momentos caóticos lá vivenciados, interfere direto na formação das suas identidade, na construção das suas memórias. Apresenta-se aqui este trabalho, o qual é produto de pesquisa bibliográfica e centrado numa abordagem qualitativa, baseado nas reflexões e discussões desenvolvidas por teóricos como Halbwachs (2003) acerca da memória coletiva; Joel Candau (2012) com suas contribuições sobre a dialética da memória e identidade; Alvarenga (2017) e Relph (2012) e dentre outros, apresentando suas noções de lugar, e vivências/experiências que transfiguram o espaço em lugar atuando na identidade dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Memória do espaço; Identidade; Sujeitos sociais; Crítica literária; Evel Rocha.

**Abstract:** This research searches the concepts of memory and identity, in order to understand how the space described in the novel, *Marginais*, by the writer Evel Rocha, contributes to the construction of the identity of marginalized subjects who experience the contextualized place in the work. Memory is a phenomenon that is constituted in groups, but it is also always a work of the subject, and the identity portrays, in the construction of memory, all the investment that a group makes as far as it goes through countless experiences. In the novel *Marginais*, the approach of these concepts is notorious, since it reflects the lives of the characters, both in individual and collective plans. It is important to highlight that the space in which the characters live and transit, the chaotic moments experienced there, interferes, in the formation of their identity directly, in the construction of their memories. This work is presented here, which is the product of bibliographic research and focused on a qualitative approach, based on reflections and discussions developed by theorists such as Halbwachs (2003) about collective memory;

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Letras (Português) pela Universidade Federal do Maranhão, campus Bacabal. Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PGLB/CCEL). Membro do Grupo de Estudos e de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). E-mail: [igorl97@outlook.com](mailto:igorl97@outlook.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: [rubeoliveira50@hotmail.com](mailto:rubeoliveira50@hotmail.com)/ [rubenil.oliveira@ufma.br](mailto:rubenil.oliveira@ufma.br)

Joel Candau (2012) with his contributions about the dialectic of memory and identity; Alvarenga (2017) and Relph (2012) and others, presenting their notions of place, and living/experiences that transfigure space into place, operating in the identity of the subjects.

**Keywords:** Space memory. Identity. Social subjects. Literary criticism. Evel Rocha.

## Introdução

A memória e o espaço são dois conceitos cruciais para formação identitária do sujeito marginalizado, uma vez que o contato diário com os objetos materiais, mudados ou não, resultam para o sujeito uma imagem de permanência e estabilidade. Este trabalho vem tratar sobre os conceitos de memória, espaço e identidade, apresentando reflexões sobre como a memória e o espaço da Ilha de Sal, em Cabo Verde, constituída no Romance *Marginais* (2010), escrito por Evel Rocha, contribui nessa construção da identidade do ser marginalizado na obra.

Ilha de Sal, pertencente ao arquipélago de Cabo Verde, é o ambiente descrito em *Marginais* (2010), onde o autor apresenta uma narrativa social com situações desalentadora, representando um cenário forte de desigualdade social, violência de gênero e uma opressão das classes bastardas em relação ao restante da população, condenada à margem da sociedade, à miséria. Como afirma Lugarinho (2012, p. 220), sobre o lugar narrado em *Marginais*, entre 1977 e 1999: “A terra é esvaziada de sentido porque a nação é representada por um Estado indolente, incapaz de ser a entidade capaz de promover justiça e a estabilidade social, com políticas efetivas de inclusão e socialização”.

O romance *Marginais* é percebido como uma construção que representa uma narrativa dentro ou além da própria narrativa, uma vez que Sergio *Pitboy*, personagem principal, pega as suas memórias e entrega para um “Engenheiro”, na expectativa de serem divulgadas, perpassando ou antecipando a narração principal. Na obra, Evel subintitula as memórias de Sergio *Pitboy* como “Apontamentos de um vagabundo”, e ademais, como segundo autor, confessa as mudanças apontadas no texto original.

A princípio, a **memória** pode ser entendida como um conceito individual, algo literalmente íntimo da pessoa, porém, Halbwachs (2003), já apontava que a memória pode ser vista também como um fenômeno coletivo e social, a saber, como algo que é construído coletivamente e sujeito a transformações, como aponta Halbwachs (2003): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros...” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

A **identidade** pode ser compreendida em até duas dimensões, a saber, a primeira na dimensão social, que pode ser também política e cultural, e a segunda está conectada no plano pessoa, ou seja, individual. Desse modo, a identidade pode ser tanto auto atribuída como também apropriada, isto significa que ela é socialmente marcada por outros e pode se modificar para se acomoda-se em diferentes cenários. Hall (2006) faz nota-se, a identidade como um processo em andamento, em construção: “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros...” (HALL, 2006, p. 39).

Em relação ao o **espaço**, como cenário, entende-se como um conceito que fundamenta a presença do sujeito no mundo, uma vez estando unidamente ligado com as memórias dos sujeitos e das coletividades humanas. Alvarenga (2017) aponta: “A abordagem fenomenológica do lugar, como espacialidade da experiência, ultrapassa a dimensão da experiência direta, estritamente individual” (ALVARENGA, 2017, p. 102).

Relph (2012) aponta: “cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p.31). Desse modo, o espaço/cenário, considerado nesta pesquisa, é o que traduz melhor essa atuação da memória na conduta social sujeito aos lugares, tendo em vista que é uma relação que une a idealização de espaço e experiência.

Esse trabalho está dividido em duas partes: na primeira, Memória e Identidade: revisão teórica, introduzo a discussão tecendo sobre a memória e apresentando um revisionismo sobre o conceito de identidade e suas relações dialéticas, Halbwachs (2003), Joel Candau (2012), Hall (2006) e dentre outros. Em seguida, em o Espaço como cenário de impacto na formação identitária do sujeito marginalizado, discuto sobre como o lugar, a vivência, as experiências que transfiguram esse espaço em lugar, influenciam na identidade do sujeito marginalizado, Alvarenga (2017), Relph (2012) e dentre outros.

### **Memória e Identidade: revisão teórica**

Maurice Halbwachs (2003), em seu livro **Memória Coletiva**, discute no primeiro capítulo sobre as duas principais categorias de memória: memória individual - “O

primeiro testemunho que podemos usar será sempre nosso” (p. 29) e memória coletiva - “É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos” (p. 30). Diante da perspectiva de que o indivíduo nunca está sozinho, até os eventos solitários são percebidos como lembranças que permanecem coletivas, ou seja, para o autor, a memória individual é construída a partir da memória coletiva.

Halbwachs (2003) enfatiza ainda que, para lembrar ou confirmar uma memória, nenhum testemunho é necessário “no significado literal da palavra, isto é, indivíduos presentes em forma material” (HALBWACHS, 2013, p. 31). Todavia, se a narrativa acontece em primeira pessoa, assume-se a ideia de que há maior confiabilidade dos fatos lembrados pelo sujeito. Ainda é possível perceber um caráter social na teoria de Halbwachs (2003), uma memória coletiva configurada em instituições sociais como família, igreja, escola, entre outras, que formam o sujeito com certas visões de mundo. Para esse autor, o indivíduo confia no coletivo, uma vez que o indivíduo se encaixa nessa coletividade a partir de uma estrutura de sentido que o grupo compartilha.

Halbwachs, no início do século XX, evidenciou não apenas o caráter coletivo da memória, mas também problematizou uma ideia de identidade social. A partir de uma espécie de comunhão do olhar, desde que se estabeleceu, com base no que ele chamou de memória coletiva, os indivíduos compartilham uma leitura da temporalidade e uma experiência cotidiana que dá sentido a um determinado grupo.

Complementando essa ideia, entende-se então que é a partir disso e de que Halbwachs (2003) chama a comunhão do olho que surgem representações culturais, ou melhor, “representações coletivas”, nas quais a experiência comum do indivíduo está ligada a uma esfera de valores de grupo. Por extensão, revela que as identidades culturais são formadas, tendo uma base concreta precisamente nessas representações, compartilhadas por um determinado grupo social, ao qual, mais amplamente, se relacionam com a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como ator social. Desse modo, Halbwachs (2003), diz:

Por isto, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado por ninguém, sem dúvida durante algum tempo ‘ele andou só’, na linguagem corrente – mas ele esteve sozinho apenas em aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser social e porque ele não deixou sequer por um instante de estar encerrado em alguma sociedade (HALBWACHS, 2003, p. 42).

Nesse sentido, pode-se aplicar uns dos elementos que faz parte desse processo de construção da memória, tanto no plano individual quanto coletivo, a saber, os acontecimentos conhecidos como “vividos por tabela”. Como aponta Oliveira (2021) sobre esse esquema das tabelas:

Segundo, são os eventos que eu chamaria de "tabela vivida", ou seja, eventos experimentados pelo grupo ou comunidade à qual a pessoa se sente pertencente. São eventos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, ganhou tanto destaque que no final das contas, fica quase impossível para ela saber se participou ou não (OLIVEIRA, 2021, p. 13).

Ainda se utilizando do pensamento de Halbwachs (2003), que, ao dar um status social à memória, acabará refletindo na lembrança, entendendo que o passado é uma construção do pensamento, e o presente, mostrando a relação do homem com o tempo e sua própria identidade. Como salienta Oliveira (2021):

Pode-se dizer, então, que para esse autor não existe passado em si, mas um passado construído/reconstruído pelo grupo, a partir de uma consciência dotada de significados, subjetividades, intencionalidades, relações de poder na construção de uma homogeneização do ver e pense em um elemento particular da vida cotidiana (OLIVEIRA, 2021, p. 17).

Desse modo, para Halbwachs (2003): “Geralmente o indivíduo vincula suas memórias a um espaço e a uma temporalidade em que compartilha com outros sentimentos em relação ao compartilhamento dessa temporalidade”. (HALBWACHS, 2003, p. 54).

Outro teórico bastante necessário para esta discussão chama-se, Paolo Rossi (2010), que traz em seu livro **O passado, a memória e o esquecimento**, onde no capítulo primeiro, apresenta que quão importante tratar da memória é também entender a relação que tem com o esquecimento. Diante disto, o escritor trata os significados da memória e esquecimento, observando como esse quadro memória/esquecimento vem sendo abordado na tradição filosófica. Rossi (2010) evidencia que:

Na tradição filosófica, e também no modo de pensar comum, a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou anamnese ou reevocação), pelo contrário, remete a capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido. Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence a mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. [...]. Voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma; quem

rememora ‘fixa por ilação o que antes viu, ouviu ou experimentou e isso em substância, é uma espécie de pesquisa (ROSSI, 2010, p. 15-16).

Para o filósofo, “[...] a história é jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação” (ROSSI, 2010, p. 19). É por isso que quando se pensa em memória, passado e esquecimento, a saber, na relação entre elas, vale ressaltar sempre o que está por trás do que aparece e do que fica oculto. Desta vez, o que nos permite pensar sobre futuro é também essa relação que a memória tem que a identidade e não somente com o passada.

Por sua vez, Rossi (2010) mostra como também a memória se apresenta dentro de dois quadros, a saber, as lembranças e o esquecimento. Dentro desse quadro, o autor apresenta que as memórias são manipuladas através do esquecimento mostrando que há uma relação da memória com a verdade.

O “apagar” não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade (ROSSI, 2010, p. 32).

Pensando sobre o conceito de identidade, Candau (2011) ressalta “que o ato de ver a identidade como um estado construído socialmente de certa maneira sempre acontece no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (CANDAU, 2011, p. 09).

Desse modo, ver-se que assimilar a identidade social de si, para si e com os outros, há um elemento nessas definições que inevitavelmente escapa do indivíduo e se estende ao grupo, e esse elemento é obviamente o outro. Ninguém pode constituir uma autoimagem sem mudança, sem negociação e sem mudança nas funções dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se refere ao outro, referenciando padrões de aceitabilidade e credibilidade, e se concretiza por meio da negociação direta com o outro.

Acerca do processo de construção das identidades reforça-se que o exercício de poder seja simbólico ou autoritário será uma ação constante, uma vez que as identidades são forjadas para garantir a manutenção de um grupo no poder. Desse modo, Silva (2014) ressalta:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva,

acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p. 96-97).

Para Hall (2006) há três tipos de concepção sobre a identidade. Nessas concepções, o autor mostra que a identidade torna-se uma celebração móvel, uma vez que ela é formada e constantemente transformada em relação aos meios que são representados ou interpelados nos sistemas culturais que estão ao redor.

- a) Sujeito do Iluminismo - baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, e de ação cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia deste o nascimento e ao longo de toda sua vida, permanecendo totalmente o mesmo.
- b) Sujeito Sociológico - reflete a complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo moderno não era autônomo e autossuficiente, mas isto era formado na relação com outras pessoas importantes para ele.
- c) Sujeito pós-moderno - a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 11-12).

Segundo Hall (2006), até o século XX acreditava-se na existência da denominada sociedade sólida, devido aos cenários culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, provocando assim solidas localizações como indivíduo social. Desde então, no final desta época, as cenas culturais foram se modificando, atingindo também a ideia da identidade pessoal, inclusive o sujeito assumindo um novo olhar sobre si.

Desse modo a construção e a constituição da sociedade, sempre estiverem espaço as relações de poder, aprestando que para que o indivíduo tenha a necessidade de ser inserido vai depender da sua representatividade. Nesse sentido, a identidade do indivíduo é desenvolvida pela necessidade de sobreviver, também seguindo o curso das variáveis relações sociais, e de sua limitação no espaço e tempo em que o sujeito está inserido. A identidade também se apresenta como uma forma do indivíduo fazer parte de algo referente a uma formação de grupos, etnias, gênero, raça ou profissão no quais o igual e o diferente vivem simultaneamente. Nesse sentido, a construção da identidade está unificado com o contexto, sendo que todas

as mediações sociais e as peculiaridade de cada tipo de identidade está conectada ao ser social.

Como isso, Bauman (2005), reporta a consideração de que pensar sobre a identidade leva-se a uma conceituação e a tendências que dão ênfase sobre as mudanças comunicacionais que ocorre na sociedade, as relações sociais, também quando se refere a limitação quando se diz respeito a cunho humanístico até morais. Para Bauman (2005), no que diz respeito às comunidades, ressalta que elas são definidoras de identidades, dividindo-as em tipos: “comunidades de vidas e destino, cujo membros vivem juntos numa ligação absoluta; e outras que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (BAUMAN, 2005, p 17).

Nesse sentido, Bauman (2005) ressalta a não solidez e o não pertencimento da identidade por toda a vida, uma vez que as relações são negociáveis e o livre arbítrio também faz parte desse processo. Ademais, mostra que com as presunções apresentadas, os sujeitos também procuram, produzem e mantêm as referências dos movimentos de identidade que se acham em mudanças, porém se combinam entre os vínculos grupais em um limitado espaço temporal. A identidade pode ser compreendida e reinterpretada de várias formas, uma vez que guiada pelos pressuposições conceituais e causando reflexões enfatizadas por cada sujeito e em sua complexa subjetividade.

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Mediante o fragmento acima percebe-se que a identidade é uma construção social, o homem não nasce pronto, vai sendo moldado, construído a partir das suas experiências e relações sociais, afinal, o sujeito é um ser inconcluso. Neste sentido, as identidades dos sujeitos marginalizados do romance de Evel Rocha, são invenções do meio social onde eles estão, no caso de Sérgio Pitboy, moldada pela ausência do pai e da mãe, o abandono do irmão, as intrigas da cunhada. Portanto, Bauman (2005) parece dialogar com Hall (2006) acerca da construção do sujeito na contemporaneidade.

## O espaço como cenário de impacto na formação identitária do sujeito marginalizado

Podemos dizer que os lugares e o espaço que localizam a existência e as experiências dos sujeitos, por exemplo, a própria cidade, influenciam e moldam suas vivências e suas identidades levando em conta de como estão vivendo.

Para Oliveira (2021), há lugares de memória, como aponta:

Lugares particularmente anexados a uma memória, um lembrete pessoal, mas também pode não ter suporte cronológico. Pode ser por exemplo, um local de férias de infância que permaneceu muito forte na memória, muito notável, independentemente da data real em que a experiência ocorreu. (OLIVEIRA, 2021, p. 14).

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver locais de suporte à memória, são os locais de celebração. Lugares muito distantes, fora do espaço-tempo da vida de alguém, podem ser um lugar importante para a memória do grupo e, portanto, para a própria pessoa, seja por tabela ou por pertencer a esse grupo.

O apego ao lugar decorre da perspectiva da experiência cotidiana, entendida e percebida muitas vezes como sua raiz como pessoa, sugerindo um profundo sentimento de conexão e pertencimento, mas também, paradoxalmente, um sentimento de quietude.

Quando se pensa a atuação dos *Pitboys*, percebe-se que o grupo já se tornara um espaço para a construção de identidade ou identificações contínuas, possibilitado a experiência e o vigor proveniente da união dos pares, garantindo o reconhecimento da individualidade, como afirma o narrador do romance cabo-verdiano:

Pertencer aos *Pitboys* era o mesmo que receber um certificado de emancipação à repressão dos pais e dos adultos que nos rodeavam; era uma forma de defender a nossa integridade, onde expúnhamos a nossa cólera sem medo dos outros, onde enunciávamos toda a nossa crueldade de modo a nos vingarmos da rejeição social. Toda a nossa revolta tinha apenas um alvo: a intolerância. No seio do grupo o medo ficava de fora. Ninguém, enquanto estivesse no grupo, deveria demonstrar qualquer sinal de fraqueza. O choro, a submissão e o medo eram sinais de fraqueza e nenhum de nós estava na disposição de passar por afronta. Era necessário encarar o perigo com desprezo e cuspir na cara do medo, era necessário demonstrar revolta por tudo o que fosse regra e bom comportamento, pois, as pessoas olhavam-nos com desprezo e devíamos retribuir-lhes desprezo também (ROCHA, 2010, p. 29).

Como aponta o trecho a cima, esse sentimento de pertencer aos *Pitboys*, que o narrador, a saber, Sergio apresenta, não trata somente de um lugar no qual tem uma ligação mais forte, como aquele lugar que traz à memória as experiências despreocupadas e, também, feliz da infância, mas um lugar de refúgio onde os personagens marginalizados podem refletir sobre a vida.

Sérgio, funda desde pequeno, junto com seu amigo Fusca, esta gangue chamada de *Pitboys*. Grupada por crianças carentes, a gangue transformou-se numa organização onde o futebol, a diversão e as experimentações sexuais eram trocadas com frutos e outras práticas ilícitas. Desde a infância, Sérgio aprendeu trabalhando nas casas dos ricos, a frutar comida para ajudar na sustentabilidade da família que vivia na miséria:

Fui o menino da Ribeira Funda que mais deu trabalho aos adultos. Conhecia todos os cantos onde as galinhas poedeiras escondiam seus ninhos, sabia todas as manhãs de como tirar o sorvete das outras crianças, sabia cor o nome dos actores famosos e era capaz de falsificar ingressos para entrar no cinema. Claro que não me orgulho dessas façanhas, mas ajudaram-me a aliviar a dor de ser pobre, compensavam as privações que o destino me impunha (ROCHA, 2010, p. 35).

O lar é uma referência à vida que ainda está guardada na memória e molda nossa identidade. Mesmo quando saímos deste lugar, estamos constantemente à procura de outro espaço para ocupar o seu lugar, trazendo de volta o que vivenciamos em primeiro lugar; que é o sentimento e certeza de pertencimento e identidade. É por meio dessa transformação do viver e/ou dos espaços de convivência que os construímos e lhes damos sentido.

Opondo-se aos ideais dos *Pitboys* nas páginas dos *Marginais*, eles lutam por melhores condições de vida, enquanto a sociedade da ilha de Sal está imersa nos arquétipos do preconceito e da discriminação, e reprime os chamados marginalizados. As trágicas consequências de certos personagens do romance podem ser vistas como a cristalização das condições sociais, que são causadas por uma série de fracassos vivenciados cotidianamente pelos marginalizados de Evel Rocha:

[...] naquele ano, quase fui violado por um polícia, perdi a zizi, perdi o direito à escola, via a mãe viajando para a terra longe, meu irmão expulsou-me de casa, a professora Izilda humilhou-me à frente de todos e, para cúmulo das desgraças, recebi a notícia que não tinha futuro como jogador de futebol. Meu

corpo era pequeno demais para conter tanta angústia e sofrimento. [...] Atirei-me cegamente para baixo do caminhão para pôr fim à minha desgraça, porém, o condutor travou a tempo de evitar minha morte. [...] Ensopei a minha tristeza com grogue<sup>33</sup> e passei a acreditar na força da droga como o caminho da redenção (ROCHA, 2010, p. 83).

Nesse sentido, o trecho acima ilustra como há alguns lugares que podem ganhar novos significados, se remetem a uma memória não prazerosa, como a perda de alguém. Uma vez que há essa perda do outro, o lugar pode trazer novos sentidos transfigurando-se em “cenário de tragédias”.

Outro fator a ser considerado aqui são as evidências: a importância da narrativa no processo de memória. Por meio do processo de narrativa, o sujeito sequênciada e dá coerência aos acontecimentos e experiências de sua vida nos espaços e tempos que considera importantes. Dessa forma, o ato de narrar leva à preservação da memória para si e para os outros, pois nossas memórias são compartilhadas, como aponta Rocha (2010):

As memórias do sol descarado a caminho de Terra Boa e Poço Verde com o barril, único brinquedo a sério a que tive direito, as investidas do vento endiabrado, em redemoinho, que fazia dançar a poeira, maquilhando o meu rosto prensado de dificuldades, o sal da maresia que dava gosto à minha pele, o mar que enchia meus olhos e o céu da ilha, por onde os meus sonhos alados invadiam o infinito, foram meus companheiros por toda a vida. Com eles construí o meu destino porque não sabia de outros caminhos (ROCHA, 2010, p. 34).

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como mostra a citação acima, o ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. As casas, os móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que se vive, lembra a família e os amigos que são visto com frequência nesse contexto.

Candau (2012) então sugere que a perda da memória provoca a perda da identidade.

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (CANDAU, 2012, p. 59-60).

Desse modo, percebe-se que a Ilha de Sal, cenário que se passa a narrativa do romance *Marginais* é contraposta com a noção de lugar como uma imagem que a partir do qual “cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p.31). Estabelecendo um diálogo entre a teoria e o romance menciona-se:

Há melhor terapia do que quebrar os vidros de uma montra num país onde os filhos dos pobres são excluídos e a discriminação é estimulada? É necessário vandalizar os interesses da burga, que enriquece facilmente, para que o estado possa olhar para nós, os marginalizados; é necessário vandalizar o património dos coronéis da ilha, conquistado à custa dos fracos, para que chorem de raiva como nós chorámos por um pedaço de pão e pelos nossos direitos (ROCHA, 2010, p. 40).

Desse modo, pode-se sentir que o processo de construção da identidade está gravado no processo memorial, que envolve reconstruir o passado, renovar e esquecer algumas imagens do passado. É preciso trazer a identidade para o discurso, e é a memória que possibilita que a identidade se realize para que o sujeito possa narrar a si mesmo.

### **Considerações finais**

Ao longo desse artigo, foi visto que a memória e o espaço são fatores fundamentais na construção identitária do sujeito marginalizado. Essa relação que a memória e o espaço apresentam, resultou de uma força para que o grupo dos *Pitboys* consagassem a pertença como marginais.

A partir das reflexões propostas neste trabalho, refletiu-se, ao longo do texto, com base nos autores que tratam sobre a temática de identidade, memória e espaço. A memória é essencial para uma cultura que quer manter sua identidade e está intimamente ligada a ela, pois fornece subsídios para o estabelecimento e fortalecimento da identidade por meio de vínculos comuns. O vínculo comum é a vida miserável e a desigualdade social em que estão imersos os jovens e os mais pobres da Ilha do Sal, espaço da narrativa **Marginais** (2010), de Evel Rocha, adolescentes que vendem seus corpos como Mirna na esperança de uma vida melhor. Deles apenas o Jorginho escapa à má sorte da marginalidade, foi escolhido para ser jogador de futebol de um time português, Beto Vesgo casa e passa a viver longe da marginalidade, o Fusco, embarcou em um iate e não se soube mais dele, o Pianista,

depois de preso foi diagnosticado com AIDS, Lela Magreza morreu de paixão pela filha do Dr. Apolinário e Sérgio também morre aos 23 anos.

Observa-se que a temática da identidade é importante para refletir, atuar e permite um conhecimento de si, como sujeito histórico, social, político e aponta as perspectivas de sua identificação como único e múltiplo, pelas diferenças que o tempo faculta no processo contínuo de transformação pessoal e múltiplo porque ele é um e outro ao mesmo tempo. Nesse processo de compreensão acerca de identidades o estudo possibilitou-nos compreender que as identidades vão sendo modeladas em diferentes contextos, sejam eles familiares, escolares, experienciais e vão sendo processados ao longo da vida sem desconsiderar as questões que envolvem a sociedade atual.

Considerando a teorização sobre a memória presente em Halbwachs (2003), Rossi (2010), os estudos da identidade presente em Hall (2006), Candau (2012) e Bauman (2005) entendeu-se que a memória é fundamental para tecer uma cartografia identitária. No tocante, à obra de Evel Rocha, **Marginais** (2010), a identidade de Sérgio Pitboy é toda tecida pela memória, as experiências da infância, os sofrimentos na escola e na esfera social da Ilha do Sal, a viagem da mãe para a Itália, a expulsão da casa dos pais pelo irmão. Todas as vivências de Sérgio, a doença que o tira a possibilidade de ser jogador de futebol, a evasão escolar que o impede de ser um advogado como ou melhor que o seu desafeto, Dr. Apolinário e a sua entrada no mundo da marginalidade e os últimos dias na prisão. Tudo entrelaça memória e identidade, o leitor só conhece a Sérgio e os outros marginais porque a substância guardada na memória, traz viva a lembrança individual que é também sabida pela coletividade como presente em Halbwachs.

## Referências

ALVARENGA, André. Lugar e memória: cenários. *GEOgraphia Niterói*, Universidade Federal Fluminense. *GEOgraphia*, vol. 19, n. 41, set./dez. 2017.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUGARINHO, Mário César. Em Cabo Verde, os *Marginais*, de Evel Rocha: justiça social e gênero. *Via Atlântica*, n. 22, p. 219-233, São Paulo, dezembro, 2012.

OLIVEIRA, S, L, Igor. *Marginais: memória e identidade social dos marginalizados*. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Maranhão. Bacabal-Maranhão, p. 57. 2021.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In. MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Welter; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROCHA, Evel. *Marginais*. Praia: ASA/Gráfica da Praia, 2010.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. São Paulo: UNESP, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.